

A Prática Musical Escolar: uma partilha de conhecimentos

Giácomo de Carli da Silva

Grupo de Pesquisa Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços
giacomoeuroafricanobrasil94@gmail.com

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
cristina-wolffenbüttel@uergs.edu.br

Resumo: A presente investigação científica e acadêmica desenvolveu-se através da inserção de um estudante de Música: Licenciatura em uma escola pública municipal gaúcha, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Contou com a participação de 111 alunos de cinco turmas do ensino fundamental dessa instituição na periferia de uma cidade no Rio Grande do Sul, por meio do método da pesquisa-ação. Com o objetivo promover uma prática de conjunto musical instrumental, pautada por aprendizados práticos, teóricos e alternativos, foi balizada pelas questões: Como que se constitui um conjunto instrumental escolar? Qual a importância dessa prática musical para os alunos? Como resultados, a pesquisa mostrou-se de grande eficácia e impacto através do olhar observador do professor de música e do retorno dos alunos, como desveladora das características dessa prática musical escolar importante, bem como a partilha de conhecimentos musicais por parte dos alunos, foi satisfatória.

Palavras-chave: Prática instrumental. Música nas Escolas. Pesquisa-Ação.

Introdução

A prática de conjunto é um momento de integração musical, mas também um convívio com outras áreas do conhecimento. Pensando nessa perspectiva, a presente pesquisa-ação objetivou promover a prática de conjunto instrumental saudável, balizada por aprendizados práticos, rítmicos, alternativos e teórico-musicais. O trabalho desenvolveu-se a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola pública municipal na periferia de uma cidade do Rio Grande do Sul. Ao todo, 111 alunos dos 1º, 3º, 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental usufruíram das aulas de música, as quais ocorreram semanalmente, durante um período fixo disponibilizado pelas professoras do 1º e 3º anos, e em um período fixo semanal, disponibilizado pela professora da disciplina de Artes Visuais do 6º ao 8º anos.

Musicalmente, no sentido da prática do estudo musical, a maioria dos alunos,

incluindo os mais novos do 1º e do 3º anos do Ensino Fundamental, nunca havia tido contato com a música, antes das aulas realizadas. Sabendo disso, antes do momento da coleta dos dados do projeto, pensou-se em diferentes metodologias para o ensino musical, a fim de serem trabalhadas com as diferentes turmas de alunos que fizeram parte desse trabalho.

Nem todas as turmas tiveram aula de forma paralela, umas com as outras. Primeiro, as aulas ocorreram na turma do 1º ano. Após o término das atividades com essa turma, as aulas se seguiram para as demais turmas do 3º ano e 6º anos, paralelamente. Da mesma forma, as aulas de música seguiram-se para o 7º e o 8º ano, também paralelamente. Em um dado momento, chegou-se a trabalhar com quatro das cinco turmas, ao mesmo tempo, cada uma em seu período de aula, até que, ao final do ano de 2017, as cinco turmas tiveram aulas de música paralelamente, a fim de realizar uma apresentação ao final do ano.

Pensando-se nessa realidade, surgiram dois questionamentos: Como se constitui um conjunto instrumental escolar? Qual a importância dessa prática musical para os alunos? Desse modo, essa pesquisa objetivou promover uma prática de conjunto musical instrumental, pautada por aprendizados práticos, teóricos e alternativos.

Metodologia

São descritos, aqui, os caminhos metodológicos que viabilizaram a realização dessa pesquisa. Partindo do princípio, a pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, por focar-se apenas no retorno dos alunos quanto às atividades propostas em sala de aula. Suassuna (2008) explica que a pesquisa qualitativa busca investigar a opinião de um grupo de pessoas, frente à alguma causa em que essas pessoas têm em comum.

Como já dito anteriormente, o método escolhido para guiar a pesquisa foi a pesquisa-ação. David Tripp (2005) descreve-a como tendo sua primeira parte focada na elaboração, antes da aplicação da mesma. A segunda parte é a da aplicação do planejado no campo escolhido para ser desenvolvida a pesquisa. Por fim, a terceira e última parte é a da avaliação da pesquisa, que constitui na análise do que fora durante à aplicação da mesma, visando avaliar e identificar o que poderá ser melhorado para uma futura reavaliação da pesquisa.

Compondo a coleta dos dados, foram três as técnicas selecionadas para essa

investigação. A primeira, que esteve intimamente ligada à elaboração do projeto, foi a observação, tendo como objetivo analisar os perfis das turmas com as quais o trabalho seria realizado. Ao todo, foram duas observações para cada turma, que antecederam o início das atividades musicais. O segundo contato e, talvez, o mais importante dos três, ocorreu com os alunos, de abril a dezembro de 2017, quando foi possível avaliar suas dificuldades individuais e coletivas, no que tange à prática musical. A terceira e última técnica para a coleta dos dados foi a aplicação de um questionário que, segundo Severino (2007), busca informações prévias sobre os entrevistados, considerando-se o objetivo de uma investigação.

Como não haveria tempo hábil para entrevistar cada um dos 111 alunos individualmente, foi aplicado um questionário com três perguntas nas turmas de 6º, 7º e 8º anos, sendo somente a primeira delas voltada para essa investigação. Com as turmas menores (turmas do 1º e 3º anos), pelo fato de parte dos alunos ainda não saber ler e escrever, foi realizada a gravação das respostas, o que ocorreu mediante autorização prévia da direção, pais e alunos. Ao todo, 89 dos 111 alunos responderam ao questionário. Os demais 22 alunos não responderam devido ao fato de, no dia da aplicação do instrumento de coleta dos dados, as mesmas não estarem presentes.

Para a realização da análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, proposta por Moraes (1999). Pautada na categorização dos dados, o autor propõe cinco etapas para o trabalho de análise, que são preparação das informações, unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, categorização ou classificação das unidades em categorias, descrição e interpretação. Para essa pesquisa foram utilizadas três dessas cinco etapas, ou seja, a preparação das informações, a unitarização e a categorização.

A primeira etapa realizada na pesquisa, a preparação das informações, foi o momento da preparação dos dados, através da leitura e/ou visualização dos mesmos. Teve como objetivo conhecer o seu conteúdo. Assim, os dados foram preparados para a segunda etapa, chamada de unitarização. Na unitarização, os dados foram agrupados por semelhança, no caso, das respostas aos questionários. Sendo assim, a terceira etapa, a categorização, está intimamente ligada à segunda, corroborando a criação das categorias de análise, as quais foram criadas duas para essa pesquisa. Relacionando às aulas de música com as turmas

trabalhadas, no que tange o aprendizado musical, as categorias resultantes foram: O que você achou das aulas de música com o uso de instrumentos musicais? O que você gostou? O que você não gostou?

Referencial Teórico Transversalizado à Pesquisa-Ação

É apresentado neste item o referencial teórico que fundamentou esta investigação, juntamente com a transversalização com a pesquisa-ação, considerando-se as explicações acerca de como ocorreu a pesquisa entrelaçada ao referencial.

O referencial teórico que oportunizou o início da pesquisa fundamenta-se no trabalho do sociólogo François Dubet. Conforme Peralva (1997), ao adentrar os espaços escolares de uma escola pública parisiense, Dubet constatou a necessidade de ocupar os alunos, para não houvesse “desordem” em sala. Na mesma perspectiva, para a pesquisa que se apresenta, observou-se na lida com as turmas dessa pesquisa, a necessidade de sempre manter seus alunos ocupados, para se manter alguma organização dentro de sala de aula.

Transversalizando com essa pesquisa, também foi utilizada como fundamento a teoria sócio-interacionista de Lev Semyonovich Vygotsky (1998). O autor propõe uma partilha de conhecimentos entre professores e alunos, e não somente o professor ser o proponente do conhecimento, mas, também o aluno partilhar com o professor o que já tem adquirido ao longo de sua vida. Nessa pesquisa houve muitos aprendizados, os quais foram assimilados, tanto pelo pesquisador, quanto pelos alunos que, à época da pesquisa, estavam com as idades de 6 a 15 anos.

Os fundamentos em Educação Musical estiveram balizados nos trabalhos de Dalcroze, Orff, Bastião e Koellreutter.

Émile Jaques-Dalcroze (MARIANI, 2011) propôs a “Rítmica” como forma de desvencilhar os estudantes de músicas dos modelos tradicionais de ensino, como é o estudo da notação musical tradicional. Conforme Mariani (2011), o método de Dalcroze foi sistematizado e escrito pelos seus alunos, a partir da experiência vivida nas aulas de Rítmica. Desse modo, de acordo com a autora, “passaram a elaborar exercícios de acordo com a realidade de seus alunos e a especificidade artística de cada grupo. Muitos desses exercícios e experiências foram relatados na revista *Le Rythme*, que teve grande circulação na Europa

no início do século XX” (MARIANI, 2011, p. 40).

Nesse sentido, para as turmas do 1º e do 3º anos do ensino fundamental, foi trabalhada com os alunos uma brincadeira com copos, pautada pela canção folclórica brasileira “Escravos de Jó”, de modo que, a cada sílaba cantada da canção, os alunos passavam o copo para seu lado e recebiam-no de outro colega. Como a turma estava sentada em círculo, com as classes à frente de cada aluno, os copos andavam sincronicamente na mesma velocidade e ciclicamente. No trecho da letra “tira, bota, deixa ficar”, os copos eram retirados e colocados na classe, de acordo com a letra da canção. Por fim, no trecho da canção “zigui, zigui, zá”, os copos iam para frente à classe seguinte e voltavam. Devido à exigência da motricidade desses alunos, que tinham, à época da pesquisa, de 6 a 9 anos de idade, alguns não conseguiam acompanhar o grande grupo, e acabavam indo lentos demais ou, até, muito rápidos.

Na turma do 1º ano, com alunos de 6 a 7 anos de idade, instrumentos de banda marcial (bumbo, caixa, tarol, surdo) foram trabalhados na mesma perspectiva de Dalcroze. Dessa vez, a canção “tumba-lacatumba”, igualmente do folclore brasileiro, foi trabalhada em sala de aula. Como não havia instrumentos para todos os alunos tocarem ao mesmo tempo, dois deles, por vez, ficavam no meio do círculo das classes, tocando os instrumentos, enquanto o restante do grupo cantava a canção que eles gostavam, uma vez que foram eles mesmos quem sugeriram quando lhes foi perguntado sobre quais músicas eles gostariam de ouvir. Também foram utilizadas com todos, ao mesmo tempo, baquetas feitas de palitos de churrasquinho, para trabalhar ritmo e a coordenação motora.

Na turma do 8º ano, um *funk*, do Mc Kevinho¹, também foi trabalhada, utilizando o corpo como instrumento musical percussivo. Da mesma forma que no 1º ano, no 8º ano também foi dada a oportunidade da escolha de alguma canção que os próprios alunos gostassem. A maioria optou pela canção “Tô apaixonado nessa mina” de MC Kevinho. Dois alunos se mostraram interessados em cantar a música, enquanto que o resto da turma a

¹ MC Kevinho MC Kevinho, cujo nome é Kevin Kawan de Azevedo, é um cantor brasileiro de *funk* paulista que iniciou a carreira aos 14 anos de idade, tendo lançado suas primeiras músicas no final de 2012, com destaque para a canção “Tá bombando é”, disponibilizada na *Internet* em setembro de 2013.

executou de outras formas, sendo uma parte da turma com a percussão corporal e a outra executando o motivo musical (bordão) da música, a executou na escaleta.

Nessa música, há uma questão importante a ser tratada. Em sua letra encontram-se algumas palavras inadequadas para o ambiente de aprendizagem no qual essa investigação desenvolveu-se. A direção da escola, ao observar essa letra, sugeriu que, junto à turma, fossem alteradas algumas palavras, tornando a canção mais apropriada ao ambiente escolar. A turma, não recebeu muito bem essa sugestão, mas a acatou, o que oportunizou um momento interessante de debate.

Com a turma do 6º ano, uma perspectiva de prática musical em conjunto pautada pela leitura musical alternativa baseada na proposta de música elementar, de Orff. Compositor da cantata “Carmina Burana”, Carl Orff dedicou-se à obra escolar, denominada de Orff-Schulwerk. A partir dessas experiências, elabora seu pensamento pedagógico-musical. Conforme Bona (2011):

A Orff-Schulwerk, cuja essência é o pensamento musical elementar, muitas vezes foi considerada primitiva. A educação musical – elementar ou básica - parte do entendimento de que linguagem, música e movimento estão originalmente interligados pelo fenômeno rítmico. (BONA, 2011, p. 128).

Acerca da música elementar que, do latim, significa *elementarius*, quer dizer “pertencente aos elementos, primeira matéria, primeiro princípio, relacionado ao princípio”.

Música elementar jamais será unicamente música, ela está interligada ao movimento, à dança e à literatura, é aquela música, realizada pessoalmente pelo indivíduo, com a qual ele está vinculado com executante e não apenas como ouvinte. Ela é pré-espiritual, desconhece as grandes formas e a arquitetura, ela contém pequenas formas de sequências, ostinati e pequenos rondós. Música elementar está à flor da terra, é natural, corpórea, pode ser aprendida e vivenciada por todos, é adequada à criança. (ORFF *apud* BONA, 2011, p. 140).

Tendo por base a proposta de Orff, foi trabalhado o tema da “Sinfonia nº 9, Opus 125”, de Ludwig van Beethoven, utilizando uma partitura alternativa. Esta proposta foi desenvolvida, tendo em vista a realização de uma atividade anterior com os alunos, a qual foi foco de pesquisa anterior (SILVA; WOLFFENBÜTTEL, 2016). Porém, dessa vez, o trabalho ocorreu no contexto da prática de conjunto instrumental, abrangendo não somente o

instrumento musical teclado, mas também, escaleta, flauta doce barroca (soprano), violões e instrumentos de percussão (bumbo, caixa, tarol e baquetas feitas de palito de churrasquinho).

Essa mesma gama de instrumentos musicais trabalhada com a turma do 6º ano foi estendida para as turmas do 7º e do 8º anos. O que mudou para as turmas do 7º e do 8º anos foi que, ao invés de uma linguagem musical mais alternativa, também foi trabalhada a escrita musical tradicional. Houve, também, a inclusão do instrumento de percussão triângulo no trabalho com a canção “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga.

Quanto à prática de conjunto, Bastião (2012) salienta:

A prática de conjunto instrumental pode ser uma eficiente estratégia metodológica para o educador musical, pois, envolvendo diversas formações musicais, favorece o trabalho em diversos contextos educacionais e com alunos de diferentes faixas etárias e níveis de conhecimento musical. (BASTIÃO, 2012, p. 60).

Pensando nessa perspectiva da autora, o trabalho focou-se em desenvolver, junto aos alunos, o contexto histórico da maior parte das peças musicais trabalhadas. Transversalizando aos métodos utilizados anteriormente, a proposta de Koellreutter veio ao encontro dos objetivos desta pesquisa-ação. Conforme Brito (2016), Koellreutter trabalha com outra perspectiva, a qual ele fala que seu método é não ter método. Pois, o método impõe e limita o aprendizado musical. Ele “desenvolveu um projeto de educação musical visando à formação integral do ser humano”. A ampliação da “percepção e a consciência, superar preconceitos, pensamentos dualistas e posturas individualistas, dentre outros pontos, eram também objetivos a serem alcançados, lado a lado aos aspectos musicais” (BRITO, 2016, p. 101). Para Koellreutter é importante se desvencilhar do ensino de música tradicional e utilizar o corpo para sentir a rítmica, a pesquisa que se faz presente, sempre buscou desmistificar o ensino de música tradicional, em alguns casos como no 7º e 8º anos, o utilizando.

Resultados

A coleta dos dados fez-se em três momentos já descritos anteriormente. Contudo, focar-se-á apenas no último que foi a resposta dos questionários escritos pelos alunos do 6º

ao 8º anos e gravados com as turmas do 1º e do 3º do Ensino Fundamental. É importante lembrar que foram gravadas as respostas das turmas de 1º e 3º anos pelo fato de parte dos alunos não saberem ler e escrever com clareza, ainda, à época da pesquisa, o que não caracteriza uma entrevista.

O questionário respondido consistia em três perguntas, sendo apenas a primeira direcionada para essa pesquisa. A primeira questão do questionário que girou em torno dessas atividades foi: O que você achou das aulas de música com o uso de instrumentos musicais? O que você gostou? O que você não gostou? Comente a respeito.

A partir dessas questões, duas categorias foram criadas para organizar e analisar os dados. As categorias criadas foram: O que gostou? O que não gostou?

A partir dos questionamentos, as turmas do 1º e do 3º anos focaram-se em responder quais instrumentos gostaram mais e quais não gostaram. A gravação passou por cada aluno fazendo a pergunta do questionário. Nas duas turmas alguns alunos acrescentaram informações a mais.

Na turma do 1º ano, que foi arguida no dia 12/12/2017, dos 25 alunos, 21 se fizeram presentes. Desses 21, 4 disseram gostar de trabalhar a canção “Escravos de Jó”.

A coleta dos dados com a turma do 3º ano ocorreu em 11/12/2017; dos 24 alunos da turma, 22 se fizeram presentes. Além deles responderem quais instrumentos musicais gostaram mais ou menos, uma aluna salientou que não gostava quando o professor de música – e investigador nesta pesquisa – a chamava à atenção quando ela não estava atenta às aulas. Nesse momento foi-lhe perguntado sobre o motivo pelo qual ele chamava à atenção em aula, ao que ela respondeu ser devido ao seu comportamento inadequado em algumas aulas.

Passando para a turma do 6º ano, que respondeu ao questionário no dia 12/12/2017, dos 21 alunos da turma, 18 compareceram à aula nesse dia. Desses, 11 alunos não responderam o que não gostaram das aulas, apenas responderam o que gostaram. Acharam interessantes as aulas, inclusive surgiram comentários de alunos que pediram desculpas por não terem se portado adequadamente em algumas das aulas. Além disso, alunos responderam que agradeceram pelas aulas que tiveram e as novas notas musicais que aprenderam, o que leva a pensar que esses alunos já tinham noções sobre notação musical.

Alguns alunos, já se sabia, já tinham participado ou participavam de aulas de música paralelamente a essas dessa pesquisa, na escola através da banda marcial, mas outros, não. Alguns alunos agradeceram pela oportunidade de fazer aulas de músicas.

Desses 18 alunos, 7 responderam que não gostaram de alguns aspectos das aulas. Dentre esses aspectos, estavam os alongamentos e preparos corporais realizados antes do início de cada aula, explicando-lhes sua importância para o trabalho da execução musical. Outro aspecto que alguns alunos não gostaram foi o fato de não terem tido a oportunidade de trocar de instrumento, bem como, de tocar um ou outro instrumento musical ou também, que não gostaram de um instrumento. Um dos alunos respondeu, também, não ter gostado de alguns colegas não demonstrarem interesse nas aulas de música.

Seguindo para a turma do 7º ano, investigada no dia 11/12/2017, dos 20 alunos, 15 responderam ao questionário. Destes 15 alunos, 12 responderam que gostaram das aulas; uma aluna comentou que foi a realização de um sonho, visto que sempre quis aprender a tocar teclado. Parte dos alunos relatou que gostaram de aprender conteúdos novos com a música, de aprenderem a tocar algum instrumento musical específico, além de salientarem a atuação do professor.

Quanto aos que não gostaram, 11 alunos dentre os 15 que responderam ao questionário, assinalaram algo que não foi prazeroso para eles nas aulas de música; desses 11, 3 alunos que responderam apenas os pontos negativos, pois não gostavam das aulas de música e/ou não gostavam de tocar, e outro não gostava de fazer música. Alguns alunos comentaram não ter gostado pelo fato de o instrumento era feito de “palitos” para churrasco, e não baquetas.

O restante dos alunos que expressaram algum aspecto negativo nas aulas de música escreveu que não gostaram pelos seguintes fatos: não tocou nenhum instrumento musical; não gostou do fato de o professor não lhe dar atenção; não gostou das aulas teóricas, pois preferia as aulas práticas; não gostou das aulas de música, pois não queria participar. Apenas fez pelo fato de as aulas serem obrigatórias; não gostou da parte teórica musical (escrita) e das baquetas.

Fora essas duas respostas de alunos que, além de escreverem os pontos positivos, apontaram o que não lhes atraía nas aulas de música. Um deles respondeu que não gostou

do fato de o professor não chamar à atenção dos alunos que não prestavam atenção na aula, quando seus colegas tocavam os instrumentos em momentos inadequados. O outro respondeu que não gostou porque, como a atividade ocorria durante a disciplina de Artes Visuais, em algumas ocasiões em que era desenvolvida uma atividade interessante nesta aula, eles não podiam participar, como foi o caso em uma tarefa com Mandalas, na disciplina de Artes Visuais.

A turma dos alunos maiores, o 8º ano respondeu ao questionário no dia 11/12/2017. Dos 21 alunos da turma, 12 compareceram à aula e responderam ao questionário. Desses 12, um não relatou pontos negativos. Todos os 12 relataram pontos positivos nas aulas de música.

Essa turma em particular, além de relatar dentre os pontos positivos que gostaram de tocar um ou outro instrumento musical, um aluno explicou que tocar um instrumento musical foi algo que ele nunca tinha feito anteriormente em sua vida. Alguns relataram que adoram o fato de tocarem os instrumentos musicais junto aos demais colegas, e outros relataram que as aulas de música deram a oportunidade de os alunos tocarem vários instrumentos musicais. Uma aluna chamou à atenção para o fato de as aulas de música terem-lhe proporcionado contato com a música, para ela e os colegas saberem ou terem alguma ideia se iriam ou não querer seguir carreira na música. Essa mesma aluna salientou que gostou do fato de o professor de música ter trabalhado com a turma uma música escolhida pela mesma, que foi “Tô apaixonado nessa mina”, de MC Kevinho, mencionada anteriormente.

Quanto aos pontos negativos, os alunos responderam que não gostaram do fato de terem de cantar em algumas músicas, pois não gostavam de cantar, ou sentiam-se envergonhados. Outros responderam que não gostaram de realizar alongamentos antes do início de cada aula. Dentre os pontos negativos que, talvez, seja um seja positivo, um aluno respondeu que não gostou do pouco tempo de aula de música que tiveram. Ele queria mais tempo.

Considerações Finais

A presente investigação objetivou promover uma prática de conjunto musical

instrumental, pautada por aprendizados práticos, teóricos e alternativos. Buscou responder as seguintes questões norteadoras da pesquisa: Como que se constitui um conjunto instrumental escolar? Qual a importância dessa prática musical para os alunos?

O quadro, a seguir, sintetiza com quais turmas foram trabalhadas, o número de alunos por turma, quanto responderam ao questionário, as datas de coleta dos dados, e as categorias.

Quadro 1 – Quadro de turmas e alunos

Turmas	Nº de alunos	Data da aplicação do questionário	Nº de alunos que vieram no dia aplicação do questionário	Nº de alunos que responderam ao questionário	Categoria “O que gostou?”	Categoria “O que <i>não</i> gostou”
1º ano	25	12/12/2018	21	21	21	21
3º ano	24	11/12/2018	22	22	22	22
6º ano	21	12/12/2018	18	18	18	7
7º ano	20	11/12/2018	16	15	12	11
8º ano	21	11/12/2018	12	12	12	01

Fonte: Autores, 2018.

Ao todo, 111 alunos participaram das aulas de música, as quais ocorreram de abril a dezembro de 2017, intercalando as turmas. Desses, 89 (80,1%) se fizeram presentes nos dias da aplicação dos questionários. Houve apenas um aluno (0,9%) ausente, totalizando 88 respondentes válidos e 22 (19,8%) alunos ausentes.

Com a resposta dos estudantes ao questionário, observou-se que o objetivo de promover um ensino prático musical em grupo foi cumprido com êxito. Quanto às perguntas que deram origem à pesquisa, constatou-se que, para se construir uma pesquisa, o investigador precisa considerar questões socioeconômicas e culturais dos alunos, uma vez que muitos não tinham condições financeiras de adquirir um instrumento musical para estudo próprio fora da aula de música.

Grande parte dos alunos que participou dessa investigação constitui uma parcela da sociedade que se encontra em vulnerabilidade social; portanto, não tinham condições de adquirir bens culturais materiais, como a compra de um instrumento musical.

A importância da prática de conjunto musical constatada nessa investigação, não somente do olhar observador do professor de música, mas das respostas dos próprios alunos, é que a prática de conjunto musical teve para eles um aspecto acolhedor,

socializador, bem como de convívio harmonioso com os demais colegas de classe. Muitas das respostas dos alunos foram surpreendentes para o professor, uma vez que o mesmo nunca viu ou ouviu seus alunos se expressarem como se expressaram no questionário, tanto positivamente, quanto negativamente.

Salienta-se que manter os alunos ocupados como Duet (PERALVA; SPOSITO, 1997), faz-se muito importante durante as aulas de música. Pois, quando se está explicando algo para um grupo, outro grupo pode seguir desenvolvendo outro aspecto musical da peça musical em estudo, ao invés de ficarem dispersos.

Outro aspecto muito relevante observado nas aulas foi a partilha de conhecimentos entre alunos e professor de música, como explica Vygotsky (1998) em sua teoria sociointeracionista. Por fim, o trabalho desvelou grandes aspectos da prática de conjunto musical escolar e sua importância para os alunos que dela usufruem e necessitam para suas relações interpessoais com os colegas.

Referências

- BASTIÃO, Zuraída Abud. Prática de conjunto instrumental na educação básica. *Revista Música na Educação Básica*. Londrina, v.4, n.4, novembro de 2012. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed4/pdfs/RevistaMeb4_pratica.pdf> Acesso em: 15/06/2017> Acesso em: 15 jul. 2018.
- BONA, Melita. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpex, 2011. p. 25-54.
- BRITO, Teca Alencar de. Hans-Joachim Koellreutter: Por quê? In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sergio; TERAHATA, Adriana Miritello (Cord.). *A Música na Escola*. Ministério da Cultura e Vale. ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES SÃO PAULO, 2012, p. 101-103. Disponível em <http://www.amicanaescola.com.br/pdf/Teca_Brito.pdf> Acesso em: 15 jul. 2018.
- MARIANI, Silvana. Émile Jaques-Dalcroze: A música e o movimento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibpex, 2011. p. 25-54.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Educação*, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ano XXII, n.37, pp.7-31, março 1999.
- PERALVA, Angelina Teixeira; SPOSITO, Marília Pontes. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997, nº 5 set/out/nov/dez, 1997, nº 6.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- SUASSUNA, Livia. Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, abr. 2009. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p341/9576>> Acesso em: 15 jul. 2018.
- TRIPP, David. Pesquisa ação: uma introdução metodológica. São Paulo: *Revista Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.
- SILVA, Giacomino de Carli da; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. O ensino de música em sala de aula, a partir da história do Navio Titanic. IN: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO DA FUNDARTE, 25, 2016, Montenegro. *Anais*. Montenegro: Editora da Fundarte, 2016.

Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/405/511>
Acesso em: 19 ago. 2018.